

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DIRK BOGARDE - ATOR DAS SOMBRAS
12 e 14 de outubro de 2021

DARLING / 1965 (*Darling*)

um filme de John Schlesinger

Realização: John Schlesinger / **Argumento:** Frederic Raphael / **Fotografia:** Ken Higgins / **Direção Artística:** Ray Simm / **Montagem:** James Clark / **Música:** John Dankworth / **Intérpretes:** Dirk Bogarde (Robert Gold), Laurence Harvey (Miles Brand), Julie Christie (Diana Scott), Roland Curram (Malcolm), Alex Scott (Sean Martin), Basil Henson (Alec Prosser-Jones), Helen Lindsay (Felicity Prosser-Jones), Tyler Butterworth (William Prosser-Jones), Pauline Yates (Estelle Gold), Peter Bayliss (Lord Grant), JoséLuis De Villalonga (Príncipe Cesare Della Romita), Jean Claudio (Raoul Maxim).

Produção: Joseph Janni, para Vic-Appia / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, versão original legendada em português, 121 minutos / **Estreia em Portugal:** Roxy, em 24 de Março de 1978.

Darling é um dos mais curiosos exemplos do que foi o "free cinema" britânico, no que teve de melhor e pior. Tal como os seus companheiros de percurso neste "movimento", paralelo da "nouvelle vague" francesa e de outros cinemas "novos", Tony Richardson e Karel Reisz principalmente, John Schlesinger começou a carreira pela curta-metragem que lhe serviu de tarimba para desenvolver uma espécie de "realismo" que pretendia opor-se ao cinema tradicional e clássico, como o produzido pelos estúdios Ealing e outros, e que se distinguia de outros realismos anteriores pela atenção dada às classes trabalhadoras, aos seus problemas, dificuldades, formas de vida e dramas. Curiosamente tal movimento, na longa-metragem, começa por um filme que tem pouco a ver com o realismo em termos de dramaturgia, pois trata-se da adaptação de uma peça de teatro feita de forma muito fiel ao espaço dramático: **Look Back in Anger/Paixão Proibida** de Tony Richardson, feito em 1959. Richardson, no fim de contas, continuaria com o mesmo método só afirmando esse realismo em **A Taste of Honey/Uma Gota de Mel** e **The Loneliness of the Long Distance Runner**, antes do mega sucesso de **Tom Jones** que explora mais o tipo de cinema contestado. O mesmo aconteceria com Reisz que após se impor com **Saturday Night and Sunday Morning/Sábado à Noite e Domingo de Manhã** seguiu o mesmo caminho de passagem para Hollywood. O destino de Schlesinger foi o mesmo, mas os seus começos foram mais conformes.

Os três primeiros filmes de Schlesinger foram obras que procuraram, de forma mais ou menos conseguida, retratarem a vivência da sociedade britânica do seu tempo. São por isso mais peças de "sociologia" do que expressões artísticas ou manifestos "contestatários": **A Kind of Loving/Um Modo de Amar**, **Billy Liar/O Jovem Mentiroso** e **Darling**. Depois entraria, como os outros, na "mainstream" do cinema de espectáculo e comercial com **Far From the Madding Crowd/Longe da Multidão**, antes de embarcar para Hollywood e para os Óscares com **Midnight Cowboy/O Cowboy da Meia-Noite**.

Billy Liar e **Darling** foram uma espécie de díptico que é um dos melhores retratos (em particular o que vamos ver) do que se chamou os "swinging sixties" britânicos, tendo como traço de união a presença de Julie Christie que no segundo ganharia o Óscar para a melhor atriz. As personagens que interpreta têm algo em comum: a mesma inquietação, independência e ambição de fugirem a um mundo limitado e medíocre. **Darling** é, neste campo, mais significativo. Diana Scott não só deseja a mudança como é capaz de tudo para a levar a cabo, sem os escrúpulos da sua personagem de **Billy Liar** (mas este centra-se, principalmente, na personagem masculina interpretada por Tom Courtenay). O começo de **Darling** lembra, vagamente, o da obra-prima de Michael Powell e Emeric Pressburger, **I Know Where I'm Going/Sei Para Onde Vou**. Como a Wendy Hiller deste filme, também Diana "sabe o que quer e para onde vai". Simplesmente é mais fraca, egoísta e oportunista (aproveitando-se de todos os que se lhe atravessam no caminho, para chegar ao topo) e menos romântica, e o filme começa também com uma narrativa em "off" que descreve os seus primeiros passos antes de seguir a sua vida. A diferença é que em **Darling**, a narradora é a própria Diana a partir de uma entrevista feita quando é já a princesa Della Romita e que vai ser publicada numa revista feminina. O genérico do filme é bastante sugestivo, porque expõe as preocupações destes cineastas de então: a denúncia do mundo do artifício e da moda, da "dolce vita" e da ambição face à miséria do mundo, conforme o grande cartaz que anuncia a entrevista de Diana se vai sobrepor a outro que apelava à ajuda para a miséria do "Terceiro Mundo". A partir de então o filme de Schlesinger vai acompanhar o percurso de Diana na sua promoção social através dos seus encontros e amores, cruzando os mais diversos meios sociais, do pequeno-burguês do seu primeiro casamento, com um jovem imaturo que rapidamente põe por conta, até ao topo, passando pelo jornalista que a promove (e ficará como o seu "único" amor), Dirk Bogarde, e por um venal e cínico representante da grande indústria que explora publicitariamente a sua imagem. Amantes e amigos são, para ela, apenas degraus na subida, e neste aspecto a personagem é paralela da que o seu parceiro no filme, Laurence Harvey interpretara, anos antes, no filme de Jack Clayton, **Room at the Top/Um Lugar na Alta-Roda**. Mas o mundo de **Darling** é mais leviano e cínico. Schlesinger coloca também, no enredo, várias questões sociais que então se debatiam. O inquérito de rua do começo do filme é bastante sugestivo disso, ao colocar a ênfase no "problema" da homossexualidade, que o filme irá explorar mais à frente: o amigo homossexual de Diana, em especial, mas também numa série de personagens caricatas que aparecem esporadicamente, em especial na festa-orgia em Paris (tinha de ser!!!). Questão que estava então em discussão no Parlamento que iria "despenalizá-la", e que o cinema acompanhava numa série de filmes como **The Trials of Oscar Wilde** de Ken Hughes (1960) e **Victim** de Basil Dearden (1961), este com Dirk Bogarde. A título de curiosidade diga-se que, ao mesmo tempo, o cinema britânico fez outros filmes sobre outra questão delicada e hoje muito badalada, a pedofilia, como **Never Take Sweets From a Stranger/Nunca Aceites Nada de um Estranho** de Caryl Frankell (1960) e **The Mark/A Marca**, de Guy Green (1961). (Já agora acrescenta-se que, ao contrário destes dois, os primeiros foram proibidos pela censura entre nós, o que não deixa de ser "curioso" sobre os seus critérios e objectivos).

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico